As Santas Relíquias: tesouros espirituais e políticos

The Holy Relics: spiritual and political treasures

Renata Cristina de S. Nascimento[1]
Universidade Federal de Goiás
NEMED - Núcleo de Estudos Mediterrânicos

Resumo

Instrumentos úteis na construção da sacralidade dinástica, as santas relíquias de Cristo e dos primeiros mártires foram objeto de disputas entre reis e cidades desde sua invenção (descoberta) na Palestina. O cristianismo dos primeiros séculos já promovia seu culto que, no contexto medieval, atingirá o auge. A redistribuição das relíquias da paixão, levada a extremos, incentivou a devoção do cristão, adquirindo grande importância simbólica, tanto em sua dimensão miraculosa e protetora, quanto no sentido de promoção e manifestação do poder monárquico.

Palavras-chave: Relíquias; Imaginário; Poder Simbólico.

Abstract

Useful tools in building the dynastic sacredness, the holy relics of Christ and the early martyrs were subject of disputes between kings and cities since its invention (discovery) in Palestine. The Christianity of the first centuries was already promoting a cult which, in medieval context, would reach its acme. Redistribution of the relics of the Passion, carried to extremes, encouraged the devotion of the christian, acquiring greatsymbolic importance both in your miraculous dimension and protective, as in the sense of promotion anddemonstration of monarchical power.

Keywords: Relics**;** Imaginary; Symbolic Power.

- **Enviado em: 17/03/2014**
- **Aprovado em: 07/07/2014**

[1] Possui graduação em Historia pela Universidade Federal de Goiás (1994), mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás (1998) e doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (2005). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Goiás, da Universidade Estadual de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Introdução

Objetos de adoração, motivadores de peregrinações e ocupação territorial, as relíquias de Cristo e dos santos deram um novo impulso e vitalidade ao cristianismo desde os primeiros séculos. O objetivo deste trabalho é analisar as relíquias relacionadas à paixão de Cristo, desde seu "achamento" na Palestina, passando por sua valoração enquanto fator de legitimidade e prestígio dinástico. Para tanto o texto está dividido em três partes: A apropriação dos lugares santos, os vestígios da paixão e a sacralidade régia e as relíquias de Cristo em Portugal.

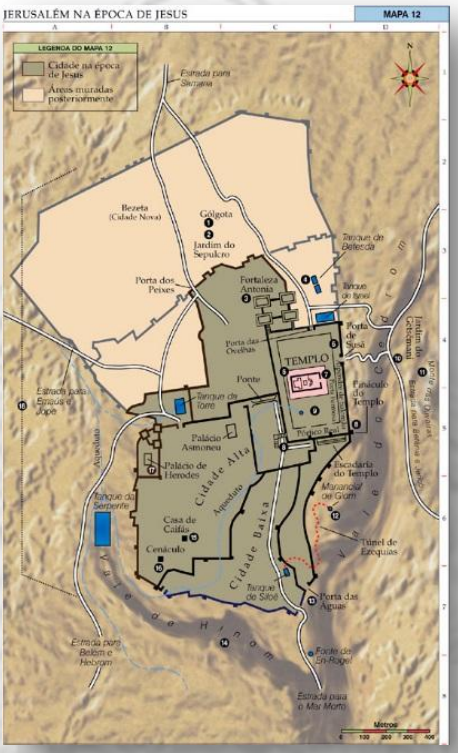
1 - A apropriação dos lugares santos

A cristianização da cidade de Jerusalém iniciou-se efetivamente a partir do século IV, quando a tradição assinala a descoberta do túmulo de Cristo em 327. Aelia Capitolina era então uma antiga colônia de judeus, redimensionada pelo imperador Adriano após o ano 70 d.C. A Nova Jerusalém é resultado das narrativas construídas sobre a visita da imperatriz Helena[2], mãe de Constantino à Palestina. A ela atribuiu-se, a partir do século V, a "invenção da cruz", pois teria sido a principal responsável pela execução da destruição do templo de Vênus, no Gólgota[3] para o achamento da "Verdadeira Cruz" no local que as sagradas escrituras narram o momento final do martírio de Cristo: "E, levando ele às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota. Onde o crucificaram..."[4] (João 19: 17,18). Este lugar encontrava-se fora da cidade antiga.

[2] 'Santa Elena nació en Drepanum (Bitinia) hacia el 250 d.C., por lo que el comienzo de su vida se encuentra dentro del período conocido como la "Anarquía militar". Esta etapa, que abarca desde la muerte del emperador Alejandro Severo (208-235), hasta la llegada al poder de Diocleciano (c. 245-313) en el año 284, se caracteriza por la acumulación de diversos problemas que fueron alterando la estabilidad del Imperio" . In MARTÍNEZ, Maria Lara& MARTÍNEZ, Laura L. *Santa Elena y el hallazgo de La Cruz de Cristo.* Revista Comunicación y Hombre · Número 3 · Año 2007. p 39- 50

[3] Em latim "Calvaria", de onde Calvário.

[4] *O Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Filadélfia: CNP, 1994/1995.



Neste período, a peregrinação a Jerusalém ainda era, de certo modo, novidade para os cristãos. Ao redor dos locais da vida e paixão de Cristo começam a ser erguidas capelas e igrejas. Em *Vida de Constantino (*Livro III), Eusébio de Cesaréia (265- 339) relata: "e, então, contra toda a esperança, apareceu... o venerado e santíssimo testemunho da ressurreição salvífica".[5] Además, según Eusebio la emperatriz hizo consagrar otros dos templos a Dios, uno junto a la "cueva del Nacimiento", en Belén, y otro sobre el monte de la Ascensión".[6] A exaltação dos locais da paixão corresponde à luta pela primazia da igreja de Aelia sobre suas concorrentes na Palestina. A Cidade Santa representa a materialidade do sagrado, o local em que Deus se manifestara. A primeira igreja cristã também nasceu nesta cidade. São Cirilo de Jerusalém, eleito bispo em 350 e sucessor de Macário, foi um dos principais incentivadores da adoração aos lugares santos, acreditava que, por meio destes, os cristãos poderiam entrar em contato direto com o sagrado, fortalecendo assim sua fé no salvador, sentindo sua divina presença.

O achamento da santa cruz, maior ícone da fé cristã, trás em si uma enorme carga simbólica. Este episódio esté relacionado, desde o princípio, a vários prodígios. Ao encontrar o

[5] Eusebius, Life of Constantine. Introduction, translation, and commentary by Averil Cameron and Stuart G. Hall. OXFORD: CLARENDON PRESS, 1999

[6] In MARTÍNEZ, Maria Lara& MARTÍNEZ, Laura L. Santa Elena y el hallazgo de La Cruz de Cristo. Revista Comunicación y Hombre · Número 3 · Año 2007, p 46.

local da crucificação foram achadas três cruzes, e, por meio de um milagre, a verdadeira cruz manifestou-se.

> Segundo a História Eclesiástica, havia naquele local um templo de Vênus, construído pelo imperador Adriano para que se algum cristão quisesse fazer ali suas adorações, acabasse por adorar Vênus. Por esse motivo o local ficara abandonado e esquecido, mas ainda assim a rainha mandou destruir o templo até suas fundações e limpar aquela terra. Depois disso Judas arregaçou as mangas e pôs-se a cavar com vontade. Quando atingiu vinte passos de profundidade, encontrou três cruzes, que imediatamente levou à rainha. Como ninguém era capaz de distinguir a cruz de Cristo da dos ladrões, as três foram colocadas no centro da cidade à espera de que a glória de Deus se manifestasse. Quando, na nona hora, passou por ali o corpo de um jovem que ia ser sepultado, Judas deteve o féretro, pôs uma primeira e uma segunda cruz sobre o cadáver do defunto, que não ressuscitou. Trouxeram então a terceira, que, no mesmo, instante devolveu o defunto à vida. Outra história, contudo, afirma que uma das principais mulheres da cidade jazia semimorta, quando Macário, bispo de Jerusalém, pegou a primeira e a segunda cruz, o que não produziu resultado algum, mas quando pôs em cima dela a terceira a mulher abriu os olhos e sarou no mesmo instante. Ambrósio, por sua vez, diz que Macário distinguiu a cruz do Senhor pela placa que Pilatos ali mandara pregar, e cuja inscrição ainda era legível.[7]

Os milagres desempenham um relevante papel na vida espiritual e, como afirma Vauchez (1995), eles constituem um dos mais importantes meios de comunicação entre este mundo e o além. A sensação do contato místico, aliada à necessidade da materialidade da fé, impulsionava o desejo de peregrinar, e é a partir desta prática que pode- se enquadrar o aprimoramento das condições de peregrinação, estas exercendo um enorme efeito sobre a religiosidade ocidental. No século XII, com a devoção à humanidade de Cristo, os passos da paixão adquiriram ainda mais significado, revelando o íntimo desejo dos peregrinos de seguir os passos de seu mestre na Terra Santa, reconstruindo o que podemos chamar de geografia sagrada. A capela subterrânea, conhecida por Capela de Santa Helena, é considerada obra dos cruzados (1141) e local de grande importância para os cristãos.

[7] VARAZZE, Jacopo de . *LEGENDA ÁUREA*- Vidas de Santos, SP: Companhia das Letras, 2003, p. 419



Capela de Santo Vartan : Em 1970 foi encontrada esta inscrição, possivelmente datada do II século. "O grafiti descreve um barco com a inscrição Domine Ivimus: "Senhor, nós viemos" , é o mais antigo Testemunho conhecido de uma peregrinação ao Santo Sepulcro".
http://nos-passos-de-cristo.blogspot.com.br/2013/05/basilica-do-santo-sepulcro-9.html



Local que a tradição cristã atribui à crucificação de Cristo
http://nos-passos-de-cristo.blogspot.com.br/2013/05/basilica-do-santo-sepulcro-9.html

As relíquias cumprem uma função cultual e, ao mesmo tempo, de estruturação do espaço cristão na Palestina (e posteriormente em outras regiões), colaborando na apropriação deste espaço, sendo um repositório portátil da memória e da história cristã. No IV Concílio de Latrão (século XIII)[8], o papado chamou para si a responsabilidade de diagnosticar a veracidade de todas as novas relíquias, o que não impediu sua proliferação no seio da cristandade.

2- Os Vestígios da Paixão e a Sacralidade Régia

As santas relíquias também foram utilizadas como objetos de construção da sacralidade régia. Segundo Edina Bozóky, elas servem para a legitimação e sacralização do poder real, tanto no império bizantino quanto no ocidente. "Dés l''epoque de la Paix de l''Egise (313), les reliques du Chist et celles des martyrs acquirent des fonctions spécifiques dans la vie sociale et politique."[9] Conforme a tradição a imperatriz Helena ordenou que o *Lignum Crucis* fosse dividido em três partes: uma parte ficou na Cidade Santa, a outra mandou para Constantino e uma terceira teria levado consigo, para Roma. Em Roma seu suntuoso palácio, o Sessorianum, seria transformado na Basílica da Santa Cruz de Jerusalém, depositária inicialmente de uma parte do Santo Lenho e da terra do Calvário, que havia trazido de Jerusalém, além de outras pretensas relíquias da paixão. Entre estas pode-se citar os cravos de Jesus.

> Como a bem- aventurada Helena não possuía os cravos do senhor, pediu ao bispo Ciríaco que fosse procurá-los. Ele foi, e logo após ter feito uma prece ao Senhor os cravos apareceram no meio da terra, brilhando como se fossem ouro. Ele os pegou e levou à rainha, que se ajoelhou e, inclinando a cabeça, adorou-os com grande reverência...Quanto aos cravos com os quais o corpo do Senhor havia sido pregado, enviou-os a seu filho, que segundo Eusébio de Cesaréia fez com alguns deles um freio para seu cavalo de guerra e com outros reforçou seu capacete...Alguns autores, como Gregório de Tours, garantem que o corpo do senhor foi pregado com quatro cravos, dos quais Helena usou dois no freio dado ao imperador, o terceiro na estátua de Cosntantino, que domina a Cidade de Roma e o quarto foi jogado no Mar Adriático, que, até então havia sido um grande perigo para os navegantes...Ambrósio diz à propósito: "Helena procurou os cravos do Senhor, encontrou-os; de um mandou fazer o freio, outro incrustou no diadema, de maneira que um está na cabeça, coberta pela coroa, o outro na mão, através da rédea, e desta dupla forma guiam os sentidos do imperador, dando-lhe a luz da fé e o controle do poder.[10]

[8] NUNES,JR. Ário Borges. Relíquia: O destino do corpo na tradição cristã.SP: Paulus, 2013. p. 100- 103
[9] BOZÓKY, Edina. *La Politique Des Reliques: de Constantin à Saint Louis*. Paris: Beauchesne, 2007. p. 15
[10] VARAZZE, Jacopo de . *LEGENDA ÁUREA*- Vidas de Santos, SP: Companhia das Letras, 2003, p. 420



Basílica de Santa Cruz (Roma)
http://www.santacroceroma.it/

O que nos interessa aqui não é saber se estas diferentes narrativas são ou não verdadeiras, e sim perceber a construção discursiva que começa a ser traçada no sentido da utilização destas relíquias pelo poder real, no sentido de amuletos contra a má sorte, de proteção contra os inimigos e, principalmente, o fato de sua posse garantir prestígio e legitimidade dinástica. A construção da sacralidade régia, fenômeno de longa duração, perpassa pela representação de um modelo baseado na imitação de Cristo. Modelo esse que começa a ser delineado à partir do final do século XII. "O cristão do século XII vivia a sua experiência religiosa principalmente no nível dos gestos e dos ritos, que o colocavam em contato com o mundo sobrenatural."[11]Os milagres representariam então importante papel na religiosidade das massas.

A nova época também é marcada por uma devoção especial à Virgem Maria, como mãe de Deus, que a iguala às pessoas da trindade. A devoção popular era sedenta de prodígios, especialmente da cura que acreditava-se possível através do toque, neste aspecto inserem-se os objetos considerados sagrados. No século XIII a *devoção à Cruz de Cristo* difunde-se sob a

[11] VAUCHEZ. André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental (Séc. VIII- XIII)*. Lisboa: Estampa, 1995. p, 160

influência dos franciscanos. A liturgia torna-se ainda mais solene. Nos dias de festa são expostas as relíquias.

A figura real, também desejosa de participar do divino, redimensiona sua função. Um exemplo importante a ser analisado é o de São Luís, rei da França (1226 – 1270), não somente pelo viés hagiográfico, no qual foram caracterizadas as narrativas sobre seu reinado, mas principalmente por ter adquirido, em 1239, a Coroa de Espinhos, atribuída a Cristo. Instrumento de martírio (assim como a cruz), a Coroa de Espinhos de Jesus permaneceu na Basílica do Monte Sião, em Jerusalém, até 1053, quando foi levada para a cidade de Constantinopla.



Santa Coroa de Espinhos: Notre Dame, Paris
www.notredamedeparis.fr/

Durante a quarta cruzada foi realizado o grande saque de Constantinopla (1204). Por nove séculos, a grande cidade fora a capital do mundo cristão, estava repleta de obras de arte que haviam sobrevivido desde a Antiga Grécia, além de possuir uma invejável coleção de relíquias. Os tesouros de relíquias acumulados em Constantinopla exerciam sob os ocidentais um grandioso fascínio. Os venezianos apoderaram-se de vários destes tesouros e os levaram para sua cidade, adornando igrejas, palácios e praças. Após o saque dos cruzados ocorreu a instalação do Reino Latino de Constantinopla (1204- 1261), sendo seu trono entregue a

Balduíno IX, Conde de Flandres e Hainault, de importante linhagem e riqueza, sendo coroado na Igreja de Santa Sofia.

A tentativa dos gregos (bizantinos) de reaverem sua cidade não tardou e, a partir do Império de Nicéia, foram paulatinamente minando as possessões latinas nesta região. O sobrinho e segundo sucessor de Balduíno IX, o rei de Constantinopla, Balduíno II, foi até a França encontrar-se com seu primo Luís IX, na esperança de conseguir apoio do rei e da cristandade contra o avanço grego. Neste período ofereceu a São Luís e sua mãe a coroa de espinhos, pois os barões latinos de Constantinopla, pressionados por grande necessidade econômica, planejavam vender a sagrada relíquia. Temeroso de que esta caísse em mão estrangeiras e após hábil negociação Balduíno II combinou a venda (por 135.000 libras), e translado da relíquia para a França.[12] O difícil transporte da coroa de espinhos teve que ser realizado por terra, pois o fim das negociações ocorreu em dezembro, período hostil à navegação.

> A emoção é intensa quando se apresenta ao rei o relicário de ouro que contém a relíquia. Verifica-se que o sinete dos barões latinos de Constantinopla, os expedidores, está intacto, assim como o do doge de Veneza...Retira-se a tampa e descobre-se a inestimável jóia. O rei, a rainha- mãe, seus companheiros são dominados pela emoção, derramam lágrimas abundantes, suspiram seguidamente. Estão paralisados diante do objeto amorosamente desejado, seus espíritos devotos são tocados de um tal fervor que acreditam ver diante deles o Senhor em pessoa, com a coroa de espinhos naquele momento.[13]

São Luís também adquiriu fragmentos da cruz entre outros tesouros. Para estas jóias mandou edificar Sainte-Chapelle, que custou 60.000 libras, menos que a sagrada coroa. Sob este reinado foram também construídas as catedrais de Amiens, Rouen, Beauvais, Auxerre e Saint-Germain-en-Laye. Esta devoção às santas relíquias caracterizam as narrativas de santidade atribuídas a este personagem. A narrativa é a forma através da qual constroem a própria noção de temporalidade e, portanto, articulam o próprio passado e seus eventos[14]. A memória do sofrimento de Cristo, revivida através da presença da relíquia, conferiram uma áurea ainda maior de sacralidade ao seu reinado. Neste momento tornava-se miragem as acusações de ususpação do poder real dirigidas contra os capetíngios. O simbolismo da encarnação e o ritual de encenação que acompanhou a chegada da santa coroa a Paris conferiam a Luís IX a origem insigne de seu poder, poder benfazejo, foma concreta de visibilidade do sobrenatural.

---

12 GOFF, Jaques Le. *São Luís Biografia*. Editora Record, 1999, p. 130-135
13 Cornut, G. Citado em ; GOFF, Jaques Le. *São Luís Biografia*. Editora Record, 1999, p.133
14 ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*.Bauru, SP, Edusc, 2007.p 43

3- Relíquias de Cristo em Portugal

Fator de igual importância foi a presença das sagradas relíquias em Portugal. Estando cercado pelo avanço mongol, Manuel II Paleólogo (1350- 1425), imperador de Bizâncio, dirige-se à cristandade latina na tentativa de conseguir auxílio contra seus inimigos. Em 1401 oferece a D. João I, rei de Portugal, diversas relíquias, que deveriam ser transladadas evitando assim que os "sagrados despojos" caíssem em mãos inimigas. Neste momento já existe uma forte preocupação com a autenticidade do que provêm de Constantinopla e Jerusalém, pois era fator comum a falsificação de objetos sacros. Por este motivo a doação foi acompanhada de uma carta do imperador. Conforme Frei Luís de Sousa (século XVII) :

> Emanuel Paleólogo em Chrifto fiel Emperador a Deos, e Governador dos Romanos, e fempre Augfto, a todos e a cada hum dos que virem eftas letras Imperiaes, faude em aquelle que he verdadeira favação de todos. O piadofo Salvador, e Redentor noffo Jefu Chrifto offerecendofe a fi mefmo a Deos Padre em facrificio fem macula na altar da Santa Cruz, deixou aos fieis chriftaons as infignias de fua paixão pera memoria de fuas maravilhas. Polo que tendo nos na noffa cidade Conftantinopla nalgumas fantas Reliquias do mefmo noffo Salvador, e de muyto Santos feus, dignas de ferem veneradas... trouxemos com nofco parte das ditas Reliquias...e Fabendo por certeza, que no Illuftriffimo Principe dom João por graça de Deous Rey de Portugal noffo parente, digno de toda honra, florece o zelo da fe e religião criftam; por tanto porque fua devaçaõ creça fempre no senhor, ouvemos por bem darlhe alguma das ditas confas fagradas; e lhe damos agora ao mefmo fereniffimo Principe huma pequena Cruz de ouro, dentro da qual eftas Reliquias dos bemaventurados Apftolos S. Pedro, e S. Paulo e de S. Jorze. E no meio da Cruz efta huma pequena particula da efpongia; com que derão a beber a Crifto o fel, o vinagre. E pera certeza e cautela de todas as coisas ditas pedimos que fe efereveffe efta carta ao meffimo fereniffimo Principe, affinada por noffa propria mao com letras Gregas de tinta vermelha, como coftumamos no noffo fello pendente de ouro efculpido de letras Gregas. Dada da cidade de Pariz aos quinze dias do mez de Junho de 1401.[15]

Entre os tesouros destacam-se as pretensas relíquias de S. Pedro, São Bras, São Jorge e São Paulo e, conforme o documento, também uma pequena parte da esponja usada no momento da crucificação, para dar de beber a Cristo. Outra importante relíquia refere-se a uma "parte da veftidura de noffo Redentor Jefu Chrifto, que he de cor, que tira o roxo, e he daquella, cuja borda tanto que a tocan a molher que padecia a doença de fluxo de fangue, e

[15] SOUSA. Fr. Luís de. *História de S. Domingos*. Porto. LELLO & IRMÃO, 1977, Livro VI, Capítulo XII. p.635

logo ficou fam."[16] Estas jóias espirituais foram depositadas no Mosteiro da Batalha, símbolo do poder da nova dinastia.

A presença de relíquias trazia peregrinos e, principalmente, doações ao mosteiro. As esmolas garantiam a sobrevivência do lugar e também o fluxo de pessoas na região. "Estas relíquias devem ter sido acolhidas solene e procissionalmente em Santa Maria da Vitória, como era hábito em todos os santuários que prezassem seu enriquecimento religioso e espiritual."[17] Segundo Gomes[18] as esmolas seriam canalisadas tanto para o sustento da comunidade monástica dominicana, quanto para a própria continuidade da construção e embelezamento do mosteiro. Este tesouro espiritual garantiu ao reino ainda mais prestígio frente à cristandade.

Outro importante símbolo da paixão existente em Vera Cruz do Marmelar, desde o século XIII, é um fragmento do Santo Lenho. Em Portugal a Ordem Militar de São João de Jerusalém ou do Hospital tornou-se a guardiã da relíquia do Santo Lenho que se preserva na Igreja de Vera Cruz de Marmelar, freguesia do município de Portel, sendo o rei D. Afonso III o promotor da formação do senhorio de Portel em 1257.[19] A Comenda da Vera Cruz de Marmelar, tornou-se neste cenário de proteção de fronteiras pós reconquista e fortalecimento do poder real, veículo importante da presença hospitalária na região. Segundo a tradição, esta comenda teria início no século XIII. Para Paula Pinto Costa[20], a esta comenda esteve associado um simbolismo muito grande, devido ao fato de ter sido escolhida para depósito de um fragmento do Santo Lenho, que marcaria a sua evolução histórica futura e alteraria o estatuto do mosteiro. Símbolos de poder, elementos de atração e povoamento, objetos sacros de valor inestimável as santas relíquias eram protegidas e encerradas em relicários, de difícil acesso. "O sagrado subtra-se aos olhares para melhor se fazer desejar , enquanto os clérigos tiram as correntes diante de seus tesouros para melhor lembrar seu monopólio de gestão do sagrado."[21]

---

16 SOUSA. Fr. Luís de. *História de S. Domingos*. Porto. LELLO & IRMÃO, 1977, Livro VI, Capítulo XII. p.635

17 GOMES, Saul A. Vésperas Batalhinas: Estudos de História e Arte. Leiria: Editora Magno, 1992.p 28

18 GOMES, Saul A. Vésperas Batalhinas: Estudos de História e Arte. Leiria: Editora Magno, 1992.p 28

19 NASCIMENTO, Renata Cristina de S. *A Relíquia do Santo Lenho em Portugal: Narrativas de Milagres*. In História Revista, Goiânia: UFG, 2013.

20 COSTA, Paula Maria P. *A Ordem Militar do Hospital em Portugal: Dos Finais da idade Média à Modernidade*. In *Militarium Ordinum Analecta* 3/ 4, Fundação Eng. Antônio de Almeida 3/4 1999/2000.

21 SCHMITT. Jean- Claude. *O Corpo das Imagens- Ensaios sobre cultura visual na Idade Média***.** Tradução de José Rivair Macedo. Bauru, SP: Edusc: 2007. p. 285

Considerações Finais:

Seja através das relíquias por contato (cruz, coroa de espinhos, coluna da flagelação, etc) ou através das relíquias corporais de Cristo (gotas do leite de Maria e o sangue de Cristo), os objetos ligados à paixão, portadores da santidade do Messias tiveram enorme multiplicação espacial e foram também objeto de críticas, mesmo antes da Reforma Protestante. O abade Guibert de Nogent foi autor, em pleno século XII, de um polêmico tratado sobre o problema da reprodução e da crença nas relíquias de santos. A imagem divina encarnada e a distribuição do corpo implicam a possibilidade de sua presença simultânea em muitos lugares. Elementos de fé e ao mesmo tempo de poder estes objetos raros e preciosos, independente de sua autenticidade, aproximam o ser humano da eternidade, rompendo a barreira entre tempo e espaço, tornando-se realidades materiais importantes na estruturação do território cristão, força que agrega, símbolo de fé que consegue através do maravilhoso alimentar a religiosidade popular, estabelecendo relações de sentido entre o visível e o invisível.